

ENTREVISTA

Flávia Lins e Silva / ESCRITORA E ROTEIRISTA

Sucesso nas livrarias, na TV e no cinema, com personagens como Pilar e os Detetives do Prédio Azul, a autora infantil chega agora ao teatro e à animação

‘VAMOS BANIR FLICTS PORQUE AQUELA COR NÃO EXISTE?’

PAULA AUTRAN
paula.autran@oglobo.com.br

Flávia Lins e Silva era detetive, autora de diários, viajante interplanetária, exploradora de matas e uma das “Panteras”. Depois, cresceu e virou jornalista. Aí, cresceu mais um pouco e voltou a ser detetive, autora de diários, viajante interplanetária... Há 17 anos ela inventa histórias para livros, séries e filmes infantis. A primeira foi “Diário de Pilar na Grécia”, que acaba de virar peça, com estreia hoje no Teatro dos Quatro, na Gávea, e Miriam Freeland no papel principal. A personagem, aliás, já tem nova aventura no forno e vai se tornar série de animação no National Geographic Kids em 2020.

Outro grande sucesso da autora é “Detetives do Prédio Azul”, que estourou como série no Gloob, chegou aos cinemas com uma das maiores bilheterias do ano passado e tem continuação prevista para dezembro. Enquanto isso, Flávia escreve a série “Valentins”, em parceria com a atriz Cláudia Abreu, também no Gloob, e inventa outras histórias em Portugal, onde vive. Já tem 15 livros publicados, entre eles o premiado “Mururu no Amazonas”.

Como você contaria sua história para as crianças?

Contaria que adorava brincar de ser detetive, sempre escrevi diários, viajava na rede de casa com meus irmãos para muitos planetas, explorava a mata da Gávea com meu primo Pedro, me vestia de “Es-

crava Isaura” e imitava as “Panteras” com minha prima Luisa. Agente se divertia muito na infância, e guardo esse gostinho bom até hoje.

Como foi a transição do universo dos fatos para a ficção?

Fiz jornalismo porque era a maneira de viver da escrita. Mas dei a sorte de um dia ter um conto transformado em roteiro, que virou o primeiro curta-metragem que escrevi: “Dedicatórias”, com Zezé Polessa, que levou kikitó de melhor atriz em Gramado. No jornalismo, a gente acaba narrando o que já aconteceu. Mas, na ficção, acontece o delicioso exercício do “E se...?” Pensar no que não existe, imaginar o que poderia ser. Acho o poder da ficção fabuloso.

Sua ida para Portugal, há dois anos, foi uma maneira de fugir da realidade do Brasil e abrir um “e se” na sua carreira?

Vim morar em Portugal porque minha pátria é a língua portuguesa, como diria Fernando Pessoa, meu mestre. Aholindo o encontro do português falado e escrito de muitas maneiras. O de Cabo Verde, de Moçambique, de Angola, por exemplo. Portugal está vivendo um momento esplendoroso. E é muito

gostoso, para quem escreve em português, estar no centro desse encontro.

Reescreveria alguma coisa na história da literatura infantil?

O Brasil tem uma literatura infantojuvenil espetacular. Monteiro Lobato abriu caminho para muitos escritores, a revista "Recreio" trouxe uma leva de craques, minha geração deve muito às anteriores. Antes, os livros não chegavam tão facilmente ao Brasil. Li "O Hobbit" importado de Portugal. Hoje, os livros viajam mais facilmente, ainda mais eletronicamente.

As crianças têm menos preconceitos que os adultos?

Sim, elas estão mais abertas a conhecer o mundo. O beijo do príncipe na Bela Adormecida, por exemplo, é mais do que um beijo, é um despertar. Não é para ser entendido literalmente. Vamos banir "Flicts", do Ziraldo, porque aquela cor não existe? No Brasil a situação é mais grave. Onde há menos investimento na educação, o problema é maior: faltam bibliotecas e mediadores de leitura.

Como vê seus leitores?

Acho que os leitores de hoje têm contato com temas bem mais delicados desde muito

cedo. Para eles, não tem tabu. Pode-se falar sobre qualquer assunto, desde que com a abordagem certa: morte, diferenças, inclusão, loucura... As crianças estão abertas, os mediadores, sejam pais ou professores, é que eventualmente não estão.

Após anos escrevendo livros, você apostou na TV e chegou ao cinema e ao teatro. Como transita entre estas várias formas de linguagem?

Nos livros, podemos acompanhar o fluxo de pensamento dos personagens, com uma aproximação mais intimista da história. Nos roteiros, ação é fundamental. E os Detetives do Prédio Azul, por exemplo, estão sempre em ação. Já são mais de 300 casos num só prédio! Agora, com "Diário de Pilar" virando série de animação, está sendo um desafio pensar mais visualmente do que em palavras, algo realmente novo para mim. O audiovisual é parceiro. Uma mídia leva a criança à outra.

Que livros da sua infância recomendaria para sua filha?

Tenho certeza de que Paloma vai adorar "Nicolau tinha uma ideia", da Ruth Rocha, "Menina bonita do laço de fita", da Ana Maria Machado, e, claro, "Flicts".



Flávia Lins e Silva. Hoje morando em Portugal, autora já escreveu 15 livros